



CHINA-EUA / Amanhã, Xi Jinping e Joe Biden terão a primeira reunião presencial desde que o norte-americano assumiu o poder. Encontro ocorre em momento delicado para a diplomacia bilateral. Especialista adverte sobre desconfiança crescente

Relações tensas sobre a mesa

» RODRIGO CRAVEIRO

pela primeira vez, os líderes das duas maiores potências do planeta estarão frente a frente, pessoalmente, em uma reunião à margem da cúpula do G20 (grupo das 19 principais economias mais a União Europeia), em Bali (Indonésia). De acordo com a Casa Branca, os presidentes Joe Biden e Xi Jinping discutirão “esforços para manter e aprofundar linhas de comunicação entre EUA e China”. O comunicado do governo norte-americano informa que o encontro de amanhã também debaterá formas de gerenciar a competição de modo responsável e de trabalharem, juntos, nas áreas de alinhamento de interesses, “especialmente em relação aos desafios transnacionais que afetam a comunidade internacional”.

No entanto, outros temas importantes serão colocados à mesa pelos dois chefes de Estado. A reunião de mais alto nível ocorre dias depois de a Coreia do Norte, aliada da China, realizar uma série de lançamentos de mísseis — uma das simulações envolveu um míssil balístico intercontinental, que parece ter fracassado, segundo a Coreia do Sul. Os acenos emitidos pelos EUA em direção a Taiwan têm provocado mal-estar em Pequim. A China endureceu a retórica sobre a ilha democrática, a qual considera parte inalienável de seu território.

As pressões por um maior protagonismo da China para fazer com que a Rússia interrompa a guerra na Ucrânia também deverão vir a tona em Bali. Xi e Biden mantiveram uma reunião bilateral por videoconferência, em 15 de novembro de 2021.

Na quarta-feira, Biden afirmou que “o que deseja fazer quando conversarem é determinar o tipo de linha vermelha mútua que não deve ser cruzada”. “A doutrina sobre Taiwan não mudou em nada”, frisou. O norte-americano evitou

comentários anteriores de que as Forças Armadas dos EUA defenderiam Taiwan, caso a ilha fosse atacada pela China.

Soberania

Zhao Lijian, porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, fez questão de frisar que a política chinesa sobre os EUA é “consistente e clara”. “Estamos comprometidos com o respeito mútuo, a coexistência pacífica e a cooperação de mútuos ganhos com os Estados Unidos. Ao mesmo tempo, nós firmemente defendemos nossa soberania, nossa segurança e os interesses em desenvolvimento”, declarou. Ele considerou importante que Washington trabalhe com Pequim para “abordarem, adequadamente, as divergências, avancarem na cooperação benéfica, evitarem mal-entendidos e erros de cálculo e devolver as relações entre China e EUA de volta ao caminho correto do desenvolvimento sólido e sustentável”.

Ministro conselheiro da Embaixada da China no Brasil, Li Qi disse ao **Correio** que as relações sino-americanas “talvez sejam as mais complexas e as mais importantes do mundo contemporâneo”. “Conduzir essas relações não tem sido e nem tampouco será algo fácil. Gostaria de citar a última frase do ex-secretário de Estado Henry Kissinger em seu livro sobre a China: ‘Os Estados Unidos e a China poderiam unir seus esforços não para abalar o mundo, mas para construí-lo’. É uma reflexão muito relevante, mas as chaves estão nas mãos dos EUA”, comentou. “Eles têm que modificar sua visão sobre a China, um país diferente e uma civilização diferente, além de recuperar o devido respeito e deixar de lado as mentalidades obsoletas da Guerra Fria.”



Foto: Arquivo pessoal

Eles têm que modificar sua visão sobre a China, um país diferente e uma civilização diferente, além de recuperar o devido respeito e deixar de lado as mentalidades obsoletas da Guerra Fria”

Li Qi, ministro conselheiro da Embaixada da China no Brasil

Diretora do Programa Ásia do think tank German Marshall Fund of the United States (em Washington), Bonnie Glaser lembrou que as relações entre as duas

Mandel Ngan/AFP



No ano passado, Biden e Xi mantiveram conversa por videoconferência: na ocasião, o chinês aconselhou o americano a “não brincar com fogo”

Os temas em pauta

SAIBA OS ASSUNTOS QUE BIDEN E XI DEVERÃO CONVERSAR DURANTE O ENCONTRO

Taiwan

A viagem de Nancy Pelosi, presidente da Câmara dos Representantes, a Taiwan, em agosto passada, tensionou a relação entre Washington e Pequim. Os EUA também anunciaram um pacote de armas para a ilha democrática no valor de US\$ 1,1 bilhão (cerca de R\$ 5,8 bilhões). A China considera Taiwan parte inalienável de seu território e ameaça esmagar qualquer anseio separatista.

Coreia do Norte

Os Estados Unidos pretendem convencer os chineses a pressionarem a Coreia do Norte, aliado de Pequim, a interromper os lançamentos de mísseis registrados nas últimas semanas. Washington também espera do regime de Kim Jong-un o engajamento em negociações para a completa desnuclearização da Península Coreana.

Ucrânia

Joe Biden considera que Xi Jinping precisa exercer sua influência para demover o presidente russo, Vladimir Putin, de prosseguir com a guerra na Ucrânia. Recentes declarações de Xi, em que o líder chinês adverte Moscou contra o uso de armas nucleares na Ucrânia, sugerem que Pequim começa a se indispor com a Rússia por conta do conflito.

Comércio

Os Estados Unidos sempre têm denunciado práticas predatórias de comércio da China, que teriam colocado em xeque a competitividade de produtos norte-americanos no mercado internacional. O assunto costuma ser abordado em relações entre autoridades dos dois países.

Eu acho...



“As expectativas para a reunião entre Joe Biden e Xi Jinping são muito baixas. É improvável que haja resultados concretos. Existe a possibilidade de que eles concordem em cooperar em alguma questão, como segurança alimentar, e então instruíam suas respectivas equipes a discutirem os detalhes. Esse resultado seria bem recebido pela maioria dos países do mundo.”

Bonnie Glaser, diretora do Programa Ásia do think tank German Marshall Fund of the United States (sediado em Washington)

nações pioraram de forma contínua ao longo dos últimos anos. “Eles podem colocar um piso sob

o relacionamento e suspender essa deterioração?”, questionou a especialista em China, que não

esconde o pessimismo. Ela explica que, há um ano e meio, o governo Biden tem buscado persuadir Xi Jinping a impedir que essa relação saia de controle. “Nenhum progresso foi feito. Os chineses não têm muito interesse em medidas de redução de riscos ou em conversas sobre estabilidade estratégica. Desde a visita de Nancy Pelosi a Taiwan, as comunicações bilaterais têm se limitado”, advertiu.

De acordo com Glaser, a imposição dos EUA de controles de exportação sobre os semicondutores convenceu ainda mais a China de que os norte-americanos procuram conter a ascensão chinesa. “A desconfiança mútua está em alta.” A medida deve complicar o

desenvolvimento de semicondutores avançados em território chinês.

Xi chega ao encontro em Bali com a posição fortalecida, depois de ganhar o terceiro mandato no Congresso do Partido Comunista Chinês e de se consolidar como o líder mais influente e poderoso desde Mao Tsé-tung. Biden, por sua vez, saiu de uma eleição de meio de mandato com mais lucros do que prejuízos — a “onda vermelha” republicana não aconteceu e deu fôlego ao governo. Segundo a agência France-Presse (AFP), Biden transformou a rivalidade com a China no eixo principal de sua política externa, apesar de não querer uma nova “Guerra Fria”.

SHOW 2ª GUERRA

Aviões colidem em pleno voo nos EUA

Dois aviões da 2ª Guerra Mundial se chocaram em pleno voo durante um show aéreo realizado ontem, em Dallas, nos Estados Unidos. Espectadores registraram o momento e as imagens viralizaram nas redes sociais.

O acidente aconteceu no segundo dia do Comemorativo Air Force Wings Over Dallas, no Aeroporto Executivo de Dallas. No evento, previsto para terminar hoje, são exibidos modelos do conflito global ocorrido entre 1939 e 1945.

De acordo com a Administração

Federal de Aviação norte-americana, a colisão aconteceu por volta de 13h20 (hora local), envolvendo um Boeing B-17 Flying Fortress e um Bell P-63 Kingcobra.

O B-17 foi visto colidindo com o modelo de menor porte, enquanto fazia uma curva. A frente do B-17 se partiu e as asas explodiram em chamas quando atingiram o solo. Dezenas de veículos de resgate de bombeiros de Dallas foram acionados.

Em sua conta no Twitter, o prefeito de Dallas, Eric Johnson,

classificou o acidente como “terível tragédia em nossa cidade”, acrescentando que muitos detalhes sobre o incidente ainda eram desconhecidos. “Os vídeos são de partir o coração”, escreveu ele. “Por favor, faça uma oração pelas almas que subiram ao céu”, completou.

Por meio de nota, o Conselho Federal de Segurança no Transporte e a administração da Aviação Federal informaram que o caso será investigado pelos dois órgãos. Até o fechamento desta

edição não havia informações sobre tripulantes ou vítimas no solo.

Tragédia se repete

Há cinco anos, também no Texas, dois aviões de pequeno porte colidiram no ar, próximo a McKinney, no Condado de Collin, matando três pessoas. O acidente aconteceu no primeiro dia de 2017, próximo a um aeroporto privado. Uma das aeronaves caiu em uma estrada e a outra em uma empresa de armazenamento.

Reprodução/Redes Sociais



Os aviões explodiram ao atingir o solo no Aeroporto Executivo de Dallas